



Há 23 anos o Grupo Formosura desenvolve teatro de bonecos em Fortaleza e coleciona prêmios

**[+]  
ESPECIAL**

BASTIDORES E CENAS



Sem mãos não há vida. Sem vida não há teatro. Sem teatro não há atores. Sem atores não há bonecos. É na relação entre esses elementos essenciais que se constrói o universo mágico do teatro de animação. Há 25 anos, uma série de artistas cearenses se deixou enfeitar pela arte de armar o pano e botar boneco. O casal Graça Freitas e Chico Alves foi um dos que embarcou na onda. Em 1985, os dois formaram o Grupo Formosura de Teatro, que atua até hoje mesclando a presença bonecos e atores em cena.

"O boneco é apaixonante. Ele tem uma força de comunicação que o teatro de ator, por si só, não dá conta porque ele rompe com a naturalidade, estabelece uma outra realidade e, mesmo assim, faz com que as pessoas se comuniquem com ele em pé de igualdade", afirma Graça. Aos 50 anos, ela toca o grupo pra frente em atividades que se dividem entre a montagem de espetáculos, ensaios e programas de formação para a comunidade.

O viés educador do Formo-

## A VIDA PELA MÃOS

COM PAPEL MACHÊ E MATERIAL RECICLADO TEM-SE O ELENCO DO ESPETÁCULO. FOI INVESTIGANDO O TEATRO DE BONECOS QUE O GRUPO FORMOSURA ENCONTROU SUA LINGUAGEM NA CENA CEARENSE

AMANDA QUEIRÓS >>> DA REDAÇÃO

sura passa pelas origens do grupo. Graça e Chico foram criados do Grupo Independente de Teatro Amador (Grita), que era orientado pela proposta de vincular arte aos movimentos sociais. A criação de um grupo próprio partiu do desejo do casal em se profissionalizar na atividade teatral. A ludicidade e a praticidade dos bonecos se mostrou ideal para a conquista de mercado de trabalho. De início, o grupo se apresentava em escolas, bares e, principalmente, festas infantis. Nos fins de semana, chegava a armar o cenário duas vezes por noite por conta da demanda. Isso fez com que o casal se afastasse

do Grita. No entanto, a herança conquistada ali se manifestaria no fim dos anos 80 com o convite de uma ONG para a montagem de *Os Índios no Ceará*. Numa época em que quase ninguém falava de *torém* ou de valorização indígena, o espetáculo percorreu o interior do Estado em um trabalho de reafirmação dessa cultura para os próprios índios.

"A peça nos trouxe de volta essa necessidade de dizer com a arte, de utilizar o teatro para devolver de maneira digna a história a essas pessoas. Foi quando percebemos que a arte, ao mesmo tempo que é entretenimento e prazer estético,

é também educação", pontua Graça. O espetáculo seguinte seguiria na mesma linha. Fiapo utilizava bonecos para discutir o modelo de educação vigente nas escolas do Estado. Numa parceria com a Unicef, a peça rodou por toda sorte de lugar. Só em Sobral foram 16 apresentações. "Era tão popular que a gente brincava que conseguia eleger a peça como deputado federal", ri a diretora.

O revés do grupo veio em 1995. Neste ano, Chico morreu e deixou o teatro como legado para a esposa e as filhas adolescentes, Marina e Maria Vitória. Como não podia deixar as meninas sozinhas, Graça as levava

para todas as apresentações. O resultado foi a conquista de duas novas integrantes para a trupe. Quando não se punham como atrizes, cada uma delas fazia a luz ou era responsável pelo som. Nessa época surgiu também a parceria com a dramaturga Ângela Linhares, que passou a adaptar e escrever textos para o grupo.

A faceta educativa do Formosura fez com que ele marcasse presença em sindicatos, assentamentos, escolas e comunidades de periferia. O projeto mais recente foi o Cordão de Mamulengos, agraciado ano passado com o Prêmio Myriam Muniz de Teatro, concedido pela Fundação Nacional de Arte (Funarte). Nele, o grupo levou 300 horas de cursos de confecção e manipulação de bonecos para os jovens do José Walter, bairro do coração do mestre Pedro Boca Rica (1936-1991), nome fundamental na história dos bonecos no Ceará.

Atualmente, o grupo está sem sede. Após anos ensaiando no prédio do Sindicato dos Engenheiros do Estado do Ceará, ele teve de se retirar por conta da desapropriação do prédio para a construção do Metrofor. Os trabalhos passaram para um quarto da casa de Graça que, entupido por tantos bonecos, ficou pequeno. "Quando a gente vê, tá quase ensaiando na cozinha", afirma o músico Caio Dias, 23 anos, integrante do grupo.

Recentemente, o Formosura venceu um edital. O recurso vai financiar os custos da nova sede. Graça pretende utilizar o espaço para potencializar a reciclagem dos atores e proporcionar cursos de formação. "Sinto que existe um débito em relação a essa linguagem e às técnicas de manipulação. Essa herança não está sendo valorizada e vê-se uma necessidade forte de difusão do mamulengo", afirma ela.

### EMAI

#### NOVA MONTAGEM

> O espetáculo mais recente do grupo foi *As Aventuras de Dom Quixote*, montado em 2006. A peça misturou a manipulação direta de bonecos com a presença de atores em cena. De acordo com o integrante, Dom Quixote ainda está em período de maturação. Mesmo assim, Graça já pensa na próxima montagem: uma adaptação de *Os Miseráveis*, do escritor francês Victor Hugo, a partir da versão em cordel desenvolvida por Kléverson Viana.

#### AUGUSTO

> Quando o Grupo Formosura nasceu, o artista Augusto Bonequeiro mantinha um espaço intitulado de Casa dos Bonecos no Bairro de Fátima. De 1985 a 1990, o espaço foi um centro importante de formação, capacitação e apresentações de espetáculos. A casa fervilhava. Esse movimento incentivou a criação de grupos existentes até hoje, como o Circo Tupiniquim (de Omar Rocha) e a Cia de Teatro Epidemia de Bonecos (de Izabel Vasconcelos).